

A questão da interdisciplinaridade na saúde¹

Maria de Lourdes Feriotti²

A Interdisciplinaridade não é um problema que afeta particular ou exclusivamente o Hospital Geral ou a Saúde. É antes de tudo uma questão a ser enfrentada neste momento histórico pela própria Ciência e pela organização das diferentes formas de produção ou Trabalho.

A Interdisciplinaridade, tão aclamada atualmente, é uma necessidade que o próprio processo histórico científico e social vem nos determinar como tarefa ou desafio. Para sua abordagem se faz portanto necessário buscar na própria história os fatores determinantes e as possibilidades de superação.

A Ciência Moderna, marcada pelo método positivista de investigação da realidade, imprimiu um desenvolvimento fragmentado, setorizado e especializado do conhecimento nas diversas áreas do saber humano, gerando até mesmo uma categorização dos problemas *em científicos e não científicos ou filósofos*¹.

Esta fragmentação foi a forma encontrada pela Ciência para abarcar e controlar o próprio crescimento do saber.

O movimento de especialização gerou portanto a formação de **disciplinas**, com o objetivo de delimitar campos e formas de abordagem de determinados aspectos da realidade.

A **Disciplina** caracteriza-se, portanto, como métodos específicos de abordagem de um determinado aspecto da realidade, ou de um pequena parte do todo.

O movimento de especialização não apenas definiu disciplinas como também imprimiu a lógica da setorização na própria organização social do trabalho. Vide a criação de tantas profissões dentro de uma mesma área, assim como de diferentes

especialidades dentro de uma mesma profissão. À lógica da divisão social do trabalho imprime-se ainda a característica do racionalismo da Ciência Moderna que, além de estabelecer compartimentos fragmentados do saber, estabelece ainda uma cisão entre a Razão [saber] e a ação [fazer]. E é sobre esta lógica que se contrói a organização hierárquica do poder: o domínio da razão sobre a ação na organização das diferentes formas de produção.

Este método vem determinando, na atualidade, uma crescente insatisfação de respostas às novas demandas do conhecimento e da problemática social.

Enquanto processo histórico, tanto a Ciência quanto as diferentes formas de produção, encontram-se hoje frente a um desafio.

A este nosso momento, o mundo contemporâneo, alguns autores (Lyotard, Derrida, Baudrillard) tem atribuído a idéia de "Condição Pós-Moderna", buscando identificá-lo como um período de contradições a serem vividas e superadas na busca de uma compreensão mais plena e complexa da realidade. Este período ainda está em construção e é caracterizado pelas incertezas, pelas probabilidades e pelo relativismo. É marcado por uma visão **poliocular e descentralizada** na abordagem da realidade e entende a produção do conhecimento não mais como a elaboração de leis universais, invariáveis e infalíveis, mas sim como processual, histórica, coletiva e derivada da praxis humana, buscando eliminar a cisão entre o fazer e o pensar e religar a Ciência e a Filosofia².

Na perspectiva de construção coletiva do conhecimento e vencendo a barreira entre teoria e prática, o trabalho, enquanto praxis, passa a ser valorizado e coloca sobre nós [técnicos] a responsabilidade de integração a este processo de transformação das antigas e bem alicerçadas estruturas de poder.

A Interdisciplinaridade coloca-se como condição para o desenvolvimento deste processo, uma vez que objetiva quebrar as barreiras dos fragmentos das diversas áreas do conhecimento, na

(1) Palestra na Mesa Redonda "Interdisciplinaridade no Hospital Geral" da II Jornada de Saúde Mental no Hospital Geral, Núcleo de Saúde PUCCAMP, 07/10/95.

(2) Terapeuta Ocupacional, Especialista em Filosofia da Educação, Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ciências Médicas da PUCCAMP

busca da integração ou da unidade, a partir da superação das contradições geradas pela própria relação entre as disciplinas.

Faz-se ainda necessário definir o termo **interdisciplinaridade**, uma vez que diferentes significados tem sido a ele atribuídos.

Utilizei-me de uma proposta apresentada por Hilton JAPIASSU¹ que trabalha com quatro conceitos básicos: Multi, Pluri, Inter e Transdisciplinaridade. Estes conceitos constituem um esquema de aproximação gradual do processo de integração das disciplinas, de acordo com o grau de coordenação, cooperação e intensidade de trocas entre os especialistas.

A **Multidisciplinaridade** define-se pela proposta simultânea de diferentes disciplinas, sem aparecer as relações existentes entre elas, com objetivos múltiplos e nenhuma cooperação.

A **Pluridisciplinaridade** é a justaposição de diversas disciplinas agrupadas de modo a aparecer as relações existentes entre elas, com objetivos múltiplos, alguma cooperação, mas sem coordenação.

A **Interdisciplinaridade** é um grupo de disciplinas conexas, com finalidade e coordenação no nível superior, caracterizado por interações propriamente ditas, reciprocidade nos intercâmbios que gera enriquecimento para cada disciplina, incorporação dos resultados das várias especialidades, empréstimo e troca de instrumentos e técnicas metodológicas entre as disciplinas, com o objetivo de religar as fronteiras entre elas porém assegurando a cada uma a sua especificidade.

A **Transdisciplinaridade** seria a superação das fronteiras e especificidades de cada disciplina. Mais do que interação e reciprocidade entre as especialidades, busca a integração destas no interior de um sistema total, sem fronteiras estabelecidas. A coordenação tem em vista uma finalidade comum dos sistemas.

Esta graduação visa, em última instância a *convergência das disciplinas em direção à unidade*. Sob esta ótica, as duas primeiras [Multi e Pluridisciplinaridade] mantêm a característica de paralelismo e justaposição, enquanto as duas últimas [Inter e Transdisciplinaridade] buscam a efetivação de integrações reais.

O momento atual melhor se caracterizaria pela transição da Pluri para a Interdisciplinaridade, sendo a Transdisciplinaridade considerada ainda como a superação ou a síntese a ser atingida.

Buscando agora focalizar a análise na prática das equipes de Saúde, tentarei apontar algumas das

dificuldades e características do trabalho observadas durante minha prática profissional. A observância destes aspectos deveu-se principalmente à frequência e repetição dos fatos em diferentes instituições e equipes de Saúde Mental:

- o trabalho em equipe tem-se caracterizado como uma tentativa de ajuntamento de disciplinas ou ações fragmentadas de diferentes profissionais, sem a definição ou incorporação de um projeto unitário do Serviço;
- pela própria formação acadêmica, cada profissional desconhece as potencialidades, objetivos e recursos técnicos dos demais, levando assim a uma diminuição do espectro de possibilidades para abordagem do problema;
- linguagem específica de cada profissional diferencia-se das demais provocando dificuldades de comunicação e ausência do confronto ou integração de diferentes abordagens técnicas e ideológicas;
- nem sempre os profissionais se compreendem como apenas parte de um todo complexo da saúde e buscam [a partir de diferentes concepções de Saúde] priorizar e valorizar mais um ou outro enfoque, estabelecendo assim critérios hierárquicos de poder;
- os conflitos da equipe [que poderiam ser vividos de forma fecunda e criativa] normalmente não são afrontados objetivamente e o grupo tenta encontrar seu “ponto de equilíbrio” num “ponto de acomodação” que, de certa forma, protege o grupo e a própria estrutura institucional, que permanece inabalada;
- a busca deste “ponto de acomodação” frente ao conflito eminente da equipe, muitas vezes tende para a definição de papéis e estabelecimento de limites de ação para cada profissional ou disciplina. Este processo nem sempre obedece a lógica de coordenação de projetos mas sim a lógica de uma prática corporativa e competitiva que estabelece cada vez mais fronteiras disciplinares e o jogo do poder e
- o excesso de trabalho, as organizações hierárquicas e burocráticas do poder, as baixas remunerações e as demais determinações institucionais de uma prática fragmentada, contribuem para que cada profissional realize suas tarefas isoladamente e absorva individualmente [ou horizontalmente entre os colegas afins] as impotências e insatisfações, sem que isto seja refletido e contextualizado na

própria estrutura institucional e perdendo assim a possibilidade de identificar o quanto suas próprias relações de e com o trabalho estão, em si mesmas, institucionalizadas.

Estas dificuldades acabam gerando problemas que implicam direta e indiretamente na diminuição da qualidade do serviço prestado, na ausência, fragilidade ou frustração de projetos, na má utilização ou pouca racionalização de recursos humanos e na constante insatisfação profissional.

Não apenas as instituições de Saúde atuam na lógica fragmentar, mas a própria formação acadêmica e cultural dos profissionais e a constituição do Conhecimento se deram e ainda se dão a lógica do Positivismo.

Abordar este problema não é portanto tarefa fácil, pois a transformação destas relações implica na transformação de estruturas institucionais historicamente construídas e, por conseguinte, de hábitos adquiridos pela cultura da Sociedade Moderna.

O empreendimento interdisciplinar, enquanto necessidade histórica, ainda está em construção e todos fazemos parte deste processo. Muitos são os obstáculos desta construção e a receita ainda não está

pronta. No entanto, alguns caminhos já apontam para a busca desta nova praxis. Não se trata de abandonar ou negar o conhecimento adquirido, mas sim de recontextualizá-lo e transformá-lo ao som da "valsa das contradições".

Para dançar esta valsa é necessário, antes de tudo, uma mudança de ATITUDE quer relacional, quer de abordagem da realidade.

Nesta dança, embora tenhamos que enfrentar obstáculos psicológicos, culturais, sociais, pedagógicos, ideológicos, técnicos, etc, parece-me que o ponto de partida encontra-se na transformação da lógica do poder hoje instituída que acaba por definir, manter e promover a ausência de uma praxis efetivamente coletiva e a cisão entre o saber e o fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro : Imago, 1976.
2. PÁDUA, E.M.M. *Filosofia e ciência: a construção de paradigmas*. Campinas, Instituto de Filosofia/PUCCAMP, 1994. (Mimeografado).